

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *ALBERGUE DAS MULHERES*

TRISTES, DE MARCELA SERRANO

*THE CONSTRUCTION OF THE FEMININE IN ALBERGUE DAS
MULHERES TRISTES, BY MARCELA SERRANO*

Gracielli Brites de Souza¹

Zélia R. Nolasco dos S. Freire²

RESUMO: O presente trabalho pauta-se nas correntes teórico-críticas literárias e feministas, com o objetivo de analisar a representatividade do feminino tanto na literatura quanto na sociedade. Parte-se da leitura do romance *Albergue das mulheres tristes* (2006), de Marcela Serrano. Aborda-se a escrita de mulheres que contribuíram para a quebra de estereótipos criados em torno da representatividade feminina, problematizando tais impasses que vão desde a preocupação com o gênero de autoria até o uso do gênero como categoria de análise.

Palavras-chave: Marcela Serrano; literatura; feminismo.

ABSTRACT: This work is guided by the theoretical-critical literary and feminist manifestation, aiming to analyze the female representativeness in literature and in society. We begin by reading the novel *Albergue das mulheres tristes* (2006), by Marcela Serrano. We approach women's writings which contributed to the breaking down of the stereotypes created around the female representativeness, problematizing these impasses which go from the worry with authorship gender to the use of the gender as an analysis category.

Keywords: Marcela Serrano; literature; feminism.

¹ Mestranda, UEMS.

² UEMS.

1. INTRODUÇÃO

Que todo ser humano saiu do ventre de uma mulher, isso todos sabem. Mas, em muitas épocas, o vínculo da mulher com a sociedade dizia respeito apenas ao liame familiar e materno que a mulher-mãe devia nutrir pelos “homens de sua vida”: seus filhos e seu marido. Até meados do século XX, se a mãe concebia uma vida, ela se tornava responsável pelo amadurecimento do filho, e essa mesma mãe, durante toda sua vida, seria dependente e submissa ao seu marido e, sempre, serva em seu próprio lar. Às mulheres não eram permitidos conhecimentos em outras áreas senão aquelas relacionadas ao entorno familiar; isto é, deveriam cuidar da alimentação, da vestimenta e do bem-estar do marido e dos filhos. Donas de casa, era esse o destino predeterminado para o sexo feminino (COUTINHO, 2008).

Após algumas revoluções e manifestações de movimentos feministas espalhados pelo Ocidente, passados os ataques às “bruxas”³, que eram as mulheres que se rebelavam contra o sistema ou que sabiam lidar com ervas ou com ciência (FEDERICI, 2017), decorridos outros fatores e batalhas femininas, conforme demonstram os trabalhos de John Odmark (1983), Kleber Martins dos Santos e Sílvia Aparecida Fortunato Santos (2019), Elaine Showalter (1982) e Virginia Woolf (2014), pouco a pouco, o tema da luta por igualdade — no qual a mulher figura como um ser independente e importante, nascido nos embates fervorosos do feminismo —, fez com que a mulher ganhasse seu espaço na literatura, na crítica literária e na pesquisa científica, tanto como produtora do saber quanto como protagonista dos estudos: a mulher como a personagem principal do romance e também como a estudiosa do

³ Sobre o tema, consulte KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras* (Malleus maleficarum) Edição de Rose Marie Muraro; Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2020. O livro retrata a perseguição a que foram submetidas as mulheres consideradas como bruxas, um verdadeiro manual do inquisidor e uma das páginas mais odientas do Cristianismo.

papel da mulher na literatura e na sociedade. Levando em consideração esse protagonismo feminino, pode-se analisar a obra de Marcela Serrano que, como diversas outras, faz parte dessa geração de autoras influenciadas pela teoria crítica feminista.

Serrano é uma escritora chilena, nascida em 1951 na cidade de Santiago, no Chile. Estreou nas letras em 1991, com a obra *Nosotras que nos queremos tanto*, com a qual recebeu o Prêmio Sor Juana Inez de la Cruz. Além de romances, escreveu também contos. Suas narrativas problematizam questões ligadas ao feminino contemporâneo a partir das relações de gênero de suas protagonistas.

O romance *Albergue das mulheres tristes*, como bem observa Rayza Sarmiento (2012, p. 01), nos remete aos “grupos de consciência do feminismo de Segunda Onda, a partir da década de 1960 quando, ainda em meio à ditadura, as mulheres sul-americanas se ajudavam mutuamente, tematizando suas vidas particulares”⁴.

Partindo do pressuposto que a literatura se inscreve como documento e registro da vida em sociedade em determinado contexto histórico (CANDIDO, 1985), não se pode deixar de considerar a contribuição da Literatura Latino-americana para compreensão de gêneros em países colonizados. Nesse sentido, verificar-se-á, como objetivo do presente artigo, como são apresentadas as mulheres e as relações de gênero na obra *Albergue das mulheres tristes*.

Na literatura de Serrano, as personagens femininas são marcadas por discursos que sugerem a independência e a insubordinação das mulheres na sociedade contemporânea; mas também sugerem solidão e sofrimento. Mesmo adquirindo seu espaço em relação ao mercado de trabalho e o direito à sexualidade, as mulheres ainda encontram a necessidade de agrupamento para discutir questões relacionadas à

⁴ As mulheres uniam-se para discutir pautas, as vivências, as opressões e entender o que as caracterizava como iguais. As mulheres começaram a se conscientizar através dos grupos formados, se empoderando enquanto coletivo. Um dos grupos se caracterizou como feminismo radical, chegando à conclusão de que a raiz da opressão estava na genitália e na capacidade de reprodução. (Disponível em: <https://filhasdefrida.com/segunda-onda-do-feminismo>. Acesso em: 5 jan. 2021).

construção da identidade feminina e às desigualdades de gênero. Mesmo sendo mulheres consideradas independentes, ainda carregam marcas por viverem em uma sociedade de modelo patriarcal e capitalista.

2. CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

Este estudo pauta-se nas discussões apresentadas em torno do feminismo enquanto conceito e suas manifestações e contribuições aos estudos literários. É importante, sobretudo, ressaltar a historicidade da figura feminina na sociedade e o desenvolvimento de seu papel nos contextos sociais para compreender as principais perspectivas da crítica feminista.

O termo “feminismo”, empregado com sentido de emancipação da mulher, foi fortemente utilizado na Europa a partir de 1880. Karen Offen Hubertine Auclert teria sido uma das pioneiras a intitular-se como *feminista*, tendo manifestado sua opinião em seu periódico *La citoyenne*, no ano de 1882, em um congresso. De acordo com Jacicarla Silva (2008), a expressão logo se espalhou por toda a Europa. Outras mulheres escritoras no século XIX impuseram suas vozes, pois conheciam as con(tra)dições sociais que as civilizações impunham às mulheres.

Inicialmente, podemos pensar na contribuição patriarcal para a criação de estereótipos acerca das “funções femininas”, os quais, preconceituosamente, determinaram — e ainda determinam — os espaços destinados às mulheres. Embora seja ultrapassada a noção de um patriarcado⁵ que a tudo influencia, posto que essa noção “tem sido amplamente criticada nos últimos anos por sua falha em explicar o funcionamento da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que

⁵ Sobre o tema, veja LERNER, Gerda. *La creación del patriarcado*. Espanha: NOVAGRÀFIK, 1986.

existe”⁶ (BUTLER, 1990, p. 03), ainda é possível notar, alertam Marthe Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006) e Heleieth Saffioti (2009), sua presença em esferas familiares, em homens e até mulheres, heranças de um sistema colonial, excludente e machista.

Silvia Federici⁷, historiadora e autora do livro *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e a acumulação primitiva* (2017), aborda a imagem e a representação estereotipada de mulheres. Para Federici, diversas formas de enquadramento feminino se formaram acerca da ruptura do sistema europeu — feudalismo — e início do capitalismo.

Nesse ponto, a intenção é levantar uma hipótese da criação de “estereótipos” de gênero, uma vez que, por meio deles, também se inferioriza as mulheres e se delimitam espaços. A propósito da criação de estereótipos de gênero, Françoise Héritier, em entrevista concedida à revista francesa ESPRIT, em 2001, defende que as mulheres na sociedade pré-agrícola eram tão fortes fisicamente quanto os homens, tendo musculatura e aparelho respiratório com iguais capacidades, ainda que com diferenças significativas de características fisiológicas e morfofuncionais de homens e mulheres (HÉRITIER, 2001). Com os estereótipos e a designação de atividades específicas às mulheres na divisão do trabalho, construiu-se a propalada noção de sexo frágil atribuída às mulheres ao longo da história.

A estudiosa Zuleika Alambert, no texto intitulado *Feminismo: o ponto de vista marxista* (1986), partindo de uma perspectiva marxista como o título deixa óbvio, corrobora a teoria de Héritier no que tange à inferiorização e incapacitação historicamente construídas,

⁶ No original: “Has been widely criticized in recent years for its failure to account for the working of gender oppression in the concrete cultural contexts in which it exists” (BUTLER, 1990, p. 03, tradução nossa).

⁷ Professora emérita da Universidade Hofstra em Nova York. Escritora e ativista feminista italiana. Natural de Parma Itália (1942), reside nos Estados Unidos.

A inferioridade e incapacidade das mulheres foram sendo adquiridas com o seu encerramento no lar, paralelamente, e uma dependência sexual agravada. Com o passar dos milênios e a estruturação das sociedades de classe, a divisão dos papéis se solidificou. Passou a ser acompanhada de um trabalho ideológico que tende a racionalizar e a justificar a inferioridade das mulheres, sua segregação, e que encontra sua expressão nos mitos dos povos primitivos. [...] uma constante permanece: a inferioridade das mulheres, seu confinamento nos papéis tradicionais. (ALAMBERT, 1986, p. 94).

Essa dura realidade ainda permeia a sociedade ocidental, haja vista que em pleno século XXI as mulheres continuam a ser injustiçadas no que diz respeito à contrapartida remuneratória pela execução de atividades profissionais de igual natureza. Somam-se a esses fatos as obrigações — que ainda se acreditam ser somente das mulheres — pela educação dos filhos e pelo cuidado doméstico com o lar, como cozinhar, passar, lavar etc.

Partindo da perspectiva de entrelaçamento entre o capitalismo e o patriarcado, Federici (2017) nos aponta um caminho, uma análise pensada por uma feminista. Com o surgimento de estereótipos predeterminados por uma sociedade patriarcal, o gênero feminino torna-se inferior e subordinado ao masculino. O aspecto que reforça esse discurso são as questões do sistema capitalista. Portanto, a historiadora, no livro *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e a acumulação primitiva* (2017), aponta para as diversas formas de enquadramento feminino.

Deste modo, ainda de acordo com Federici (2017), à mulher foi atribuído o dever social, político e econômico de gerar filhos, ser mãe, ser dona de casa e zelar pelos filhos e marido, sendo, esse último, aquele que trabalha fora e sustenta a família. A mulher devia ser submissa a este marido/homem que a sustentava. Dessa forma, o sistema capitalista designou às mulheres “funções femininas” como mão de obra gratuita, exercendo atividades não remuneradas e exclusivas para a própria família.

Havia, obviamente, mulheres que não aceitavam tais papéis e hierarquias sociais, sendo que muitas foram perseguidas e aprisionadas, e outras tantas mortas.

Segundo Federici (2017), a caça às bruxas, por exemplo, tornou-se uma forma de intimidar as mulheres que estavam à frente de seu tempo ou que não aceitavam as funções femininas estabelecidas na época. Isso posto, pode-se afirmar que essa mentalidade ainda assombra as mulheres, e é com base nisso que, no desenvolver deste trabalho, discute-se como as consequências de tais engessamentos chegam à sociedade.

Segundo a estudiosa Federici (2017), afirma que esse projeto de caça às bruxas tinha como objetivo anular o domínio que as mulheres dispunham no controle de seu próprio corpo e nas funções reprodutivas, incentivando assim o desenvolvimento de uma sociedade patriarcal e criando representações e estereótipos atrelados aos comportamentos e características do gênero feminino. Portanto, esses estereótipos de gênero (a mulher recatada e do lar), ainda presentes em muitas vivências, perpetuam-se na própria divisão de trabalho e de espaços, limitando-as aos espaços marginalizados e preestabelecidos por um ser dominante.

Ao levantar este ponto, pode-se constatar que a lógica em estabelecer funções tão limitadas às mulheres fez do homem a figura do defensor de sua nação, aquele que pode se encher de glória pelos feitos heroicos nas guerras e em suas profissões, enquanto as mulheres permanecem engessadas, pois socialmente devem ocupar, apenas e exclusivamente, os lugares domésticos.

3. O FEMINISMO NA LITERATURA

As relações entre sexos, como explicam Héritier (2001) e Kate Millett (1970), são estabelecidas por ordem política e poder, como podemos perceber ao longo da história, em que a mulher foi subjugada e predestinada ao espaço do lar. Conforme as informações de Ana Alice Alcântara Costa e Cecília Maria Sardenberg, no livro intitulado *O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva* (2008), o surgimento do

termo “feminismo” se dá “em fins do século XVIII e toma corpo no século XIX, na maioria dos países europeus e nos Estados Unidos”. As autoras informam que, no que diz respeito à forma de estruturação da manifestação política, o feminismo tem como origem as diversas mobilizações socioculturais e econômicas havidas no contexto da Revolução Francesa, a qual Costa e Sardenberg (2008) consideram como a grande revolução burguesa.

No meio acadêmico e na literatura, como referenciam Rita Felski (2003) e Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (1979), os estudos de gênero tiveram início na década de 1960. Desde então, “com o desenvolvimento do pensamento feminista, a mulher vem se tornando objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, como a Sociologia, Psicanálise, a História e a Antropologia” (ZOLIN, 2009, p. 181); e nos campos da crítica literária e da literatura tem tido amplo destaque.

Sobre a chamada “segunda onda” do feminismo ocidental, de 1960 a 1970, inquietava as pesquisadoras da época a definição de posições entre as duas correntes teóricas vigentes — a psicanálise e o marxismo. Algumas acreditavam que, apesar da misoginia presente na teorização de Freud, suas contribuições poderiam ser aproveitadas, principalmente no que dizia respeito à possibilidade de compreensão, a partir da teoria freudiana, dos mecanismos simbólicos e psíquicos que possibilitaram a construção e a manutenção da sexualidade feminina numa sociedade marcada pela dominação masculina (MITCHELL, 1974).

De acordo com Héritier (2001), Showalter (1994) e Lúcia Osana Zolin (2009), o grande marco da crítica feminista se deu na década de 70, com a publicação, nos Estados Unidos, da tese de doutorado de Kate Millett, com o título *Sexual Politics* (1970), cuja principal ideia era estudar e questionar a “prática patriarcal no meio acadêmico”. Na obra, a autora apresenta argumentos e apontamentos que consistiam na experiência da mulher como leitora e escritora, diante de um mundo caracterizado pelo androcentrismo.

Com o desenvolvimento de estudos mais aprofundados, vários fatores e estereótipos foram sendo observados, notadamente aqueles relacionados à posição da mulher dentro da literatura. Inicia-se, então, fortemente marcado pelo antagonismo, um processo de recriação e ponderação da produção literária feminina; processo este que ficou conhecido como constituinte da segunda fase da crítica feminista, cognominada de *ginocrítica*, conceito alcunhado por Showalter (1994), que objetivava, segundo a interpretação de Felipe Monteiro de Oliveira e Nícea Helena de Almeida Nogueira (2020, p. 44),

[...] encontrar uma representação da subjetividade feminina, através de uma leitura feminista de textos, considerando imagens, estereótipos, omissões e falsos juízos sobre as mulheres na literatura. Tentou sair de um contexto marginalizado e adentrar um território estrangeiro identificando a mulher-signo nos sistemas semióticos para reclamar o seu lugar.

Pode-se perceber características nas escritas masculinas que inferiorizavam a mulher ou até mesmo determinavam seu papel a ser desenvolvido no enredo. Estudos acerca de textos literários canônicos (BUTLER, 1990; SCOTT, 1988; 1995; STRATHERN, 1988) apontavam a diferenciação entre gêneros, em que a relação de superioridade masculina em relação à inferioridade feminina era reforçada.

No que tange às precursoras da representação de questões de gênero e suas especificidades na literatura, a ensaísta inglesa Virginia Woolf (1882-1941), revolucionando técnicas narrativas, como o monólogo interior e trazendo a consciência da mulher em relação a sua representatividade, é uma das expoentes principais. Woolf trouxe um novo olhar ao tema relacionado à mulher e sua escrita e presença na literatura, fazendo apontamentos a respeito da diferenciação e preconceitos e, até mesmo, da discriminação que a mulher sofria ao tentar se tornar escritora.

Como a construção do sujeito escritor se torna prejudicada quando se é mulher — encontrando diversas barreiras — ao contrário do homem, segundo a autora, no seu livro intitulado *Room of one's* (2014), (traduzido para o nosso idioma como *Um teto todo seu*), sua ideia principal parte da necessidade de independência da mulher: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (WOOLF, 2014, p. 159). Misturando a ficção com a realidade de maneira magistral, a autora ressalta em sua obra as características tanto comportamentais quanto sociais a respeito da mulher escritora que, segundo ela, precisaria tanto de um lugar sossegado para conseguir escrever quanto da garantia de uma renda, ressaltando a pobreza na qual a figura feminina foi condicionada (WOOLF, 2014).

Showalter, na década de 1970, pesquisou a crescente preocupação e estudos ligados à representatividade feminina e à mulher como escritora de *ginocrítica*, *crítica feminista* e como leitoras, e estabeleceu um novo parâmetro de estudo ligado à mulher. “O conceito de gênero foi um dos mais marcantes dentro das ciências humanas e das letras na década de 80” (SHOWALTER, 1994, p. 44) e foi logo utilizado pela crítica literária feminista, cujo principal objetivo era se esquivar de ambiguidade contida no conceito de identidade feminina e *lugar da diferença* (SILVA, 2008).

Esses conceitos são encontrados em duas correntes: a crítica feminista francesa e a anglo-americana que se dedica a uma definição feminina partindo *da diferença e da identidade feminina*, de preceitos primordiais como a luta contra o patriarcado e suas instituições dominantes. Tais correntes trabalham com as principais ideias de denunciar a ideologia patriarcal que permeia a crítica tradicional e canônica, se aprofundando em estudos históricos e arqueológicos, buscando o resgate das obras que foram excluídas da história da literatura.

Enquanto o feminismo, ou a teoria feminista, consolidava-se na Europa e nos Estados Unidos, tendo como expoentes nomes como Virginia Woolf, Simone de

Beauvoir, Kate Millett, Carol Hanisch, Betty Friedan, Julia Kristeva, Luce Irigaray, Bracha Ettinger e Hélène Cixous, aqui, na América do Sul, preponderava uma aura de completa insegurança quanto às propaladas concepções culturais e políticas oriundas da Europa e dos Estados Unidos. Tal desconfiança se devia ao fato de que “as ideias não eram bem recebidas pela sociedade patriarcal, pelo fato de apresentarem tendências feministas” (BRIZOTTO; BERTUSSI, 2013, p. 158).

A propósito das vertentes da teoria feminista na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, Showalter (1994) explica que as teorizações tinham focos diferentes de análise e abordagens teóricas divergentes em alguns pontos, e convergentes em outros: “a crítica feminista inglesa, essencialmente marxista, salienta a opressão; a francesa, essencialmente psicanalítica, salienta a repressão; a americana, essencialmente textual, salienta a expressão. Todas, contudo, tornaram-se ginocêntricas” (SHOWALTER, 1994, p. 31).

Na América Latina, a literatura produzida por mulheres enfrentou problemas de ordem social e política (representados pela implementação da ditadura propriamente dita ou por governos de viés fascista), visto que em muitas nações as condições políticas internas contribuíram com a diáspora forçada de muitas escritoras do século XX. Esse cenário de extrema repressão marcou de forma indelével a produção da literatura na América Latina. As restrições à divulgação de ideias consideradas subversivas, assevera Luisa Ballesteros Rosas (1994), eram esmagadoras, chegando à proibição de importação de bibliografias com temas específicos.

Apesar do exílio dessas escritoras, suas obras eram conhecidas à época pelas classes letradas, mas a produção restringia-se a questões voltadas à temática da escravidão e ao abolicionismo, a exemplo dos romances *Sab* (1841), de autoria da cubana Gómez de Avellaneda e *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis (1822-1917).

Na contemporaneidade, a produção literária busca, dentro da literatura, descrever a mulher moderna e sua especificidade no quadro social, levando em

consideração a sua percepção de mundo e sua experiência social feminina. Apontando problemas nessa perspectiva, Zolin (2009) analisa que, ao classificar a mulher como o Outro, utilizado na tendência anglo-americana, eleva-se, ainda mais, a supremacia masculina, distanciando mais a igualdade tão sonhada.

O argumento de Zolin (2009) baseia-se teoricamente nas concepções de Simone de Beauvoir, notadamente a partir da leitura de *O segundo sexo* (1970). Nessa obra, Beauvoir apresenta a condição das mulheres como de aprisionamento, na qual elas são inferiorizadas pelos constructos socioculturais androcêntricos e transformadas no Outro absoluto. O problema é que esse Outro absoluto, construído a partir da perspectiva anglo-americana, criticado por Zolin (2009), é engendrado e mantido tendo como estrutura fundante as concepções das sociedades ocidentais patriarcais. Nessas sociedades, as mulheres são sempre representadas tendo como ponto fulcral as diferenças biológicas, estratégia androcêntrica para justificar o espaço secundário relegado às mulheres na vida social.

Helène Cixous e Julia Kristeva são algumas das representantes da teoria feminista francesa. Valendo-se de estudos na área da Psicanálise, as estudiosas reuniram argumentos para desmistificar a discriminação do sexo feminino, trazendo apontamentos relacionados aos gêneros masculino e feminino e sua dualidade no campo social. Para Rafael Kalaf Cossi (2020), discutindo os aspectos teóricos que alicerçaram o feminismo francês, o foco de suas teorias repousava na ressignificação das perspectivas de Derrida e Lacan, pioneiros em relação ao método de análise estruturalista, desconstruindo a lógica binária proposta por eles que definiam seus conceitos de *différance* e de imaginário, buscando investigar a ligação existente entre sexualidade e linguagem.

4. O ALBERGUE DAS MULHERES TRISTES (2006)

O livro *O Albergue das mulheres tristes* (2006) de Serrano, tem como protagonista Floreana Fabres, uma historiadora que, a pretexto de se isolar na tentativa de reencontrar-se emocional e espiritualmente depois de passar por uma tragédia familiar, a morte da irmã em consequência de um câncer, encerra-se por algum tempo em um albergue só para mulheres. A narrativa do romance evoca sentimentos universais e as tramas socioafetivas e culturais que permeiam as relações humanas, tendo na convergência (e divergência) das relações de gênero o ponto fulcral de sua prosa literária.

Em o *Albergue das mulheres tristes* transparece a luta empreendida pelas mulheres em busca de igualdade, deixando a descoberto as transformações histórico-revolucionárias havidas nas relações heteronormativas ao longo da história da humanidade. As personagens são mulheres bem-sucedidas em suas profissões, mas infelizes, tristes, em razão das condições socialmente impostas às suas ações pelo domínio masculino, ao qual se insurgem (SERRANO, 2006).

A tristeza é uma constante nas falas e ações das personagens, como ilustram os seguintes excertos: “Tienes mujeres muy destacadas aquí!”, diz Floreana a Helena, ao que essa responde de pronto: “— *No es raro, suelen ser las que están más tristes*”; “Vas a ser feliz aquí, Floreana — *Muy feliz*” diz Angelita a Floreana. “*Si es que se puede ser feliz en alguna parte*”, acrescenta Toña “con ese dejo de cinismo”. “Y tú, Floreana, *¿qué haces cuando no estás triste?*” (SERRANO, 2006, p. 19; 26; 27, grifos nossos), pergunta Angelita a Floreana a certa altura do romance.

Em *O albergue das mulheres tristes* (2006), Serrano retrata as dores de mulheres que, mesmo tendo conquistado autonomia em vários segmentos sociais, padecem ainda do preconceito masculino que, salvo melhor interpretação, diante das

“supermulheres” funciona como um mecanismo de defesa para disfarçar a insegurança diante de tal autonomia feminina. Um exemplo dessa insegurança é apresentado no quinto capítulo do romance, quando Toña, apesar de ter se tornado uma celebridade de sucesso, demonstra sua insatisfação com os homens do seu convívio social e profissional, que se mostram amedrontados em relação à igualdade imposta. Aqui, recuperam-se as contribuições de Millett (1970) acerca da influência do poder patriarcal no ordenamento sociopolítico de gênero da sociedade contemporânea.

Millett (1970) demonstra que, historicamente, o macho foi concebido como aquele que tem poder sobre as fêmeas, e essa construção enraíza-se ainda na mentalidade masculina do homem moderno, mesmo que de forma inconsciente, determinando e condicionando seu comportamento em face das mulheres que, quando não se *acomodam* aos papéis a elas destinados, suscitam sentimentos com os quais os homens não sabem lidar.

O poder que os homens detinham sobre as mulheres abrangia todas as esferas da vida (religiosa, política, socioeconômica, de classe.). Então, na contemporaneidade, os homens, acostumados ao poder político e à dominação ideológica, sentem-se ameaçados e inseguros diante das “supermulheres”, posto que elas representam uma perspectiva à qual eles não estão acostumados: a da igualdade entre mulheres e homens (MILLETT, 1970).

Mesmo não sendo declarado um livro feminista, pode-se constatar em suas personagens o desejo de pertencimento, sendo altamente político ao apresentar mulheres que não aceitam a subjugação imposta pelo modelo de sociedade patriarcal vigente. Percebe-se, então, que, mesmo diante de um novo quadro social, ainda se encontram características da luta feminista por igualdade. No diálogo entre Elena, a terapeuta fundadora do albergue, e Floreana Fabres, uma historiadora, temos o seguinte trecho:

- Es que las mujeres, Floreana — dice Elena mientras caminan hacia el Pueblo
- , ya no quieren ser madres de sus hombres... y tampoco quieren ser sus hijas.
- ¿Y qué quieren ser?
- Pares. Aspiran a construir relaciones de igualdad que sean compatibles con el afecto. (SERRANO, 2006, p. 33).

Nas personagens de Serrano que perpassam pelo romance *O albergue das mulheres tristes* (2006) desponta a reivindicação de sua liberdade e de igualdade, representando o sentimento compartilhado pelas mulheres na vida cotidiana, que “reivindicam hoje serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade” (BEAUVOIR, 1970, p. 86).

Mesmo tendo sucesso em seu ramo profissional, Toña París carrega vários estigmas em relação à representatividade da figura feminina. Sendo narrada como viciada em cocaína, segundo ela, em diálogo com Floreana, os meios televisivos são muito cruéis com a mulher, pois exigem altos padrões, como o culto da perfeição em relação ao corpo feminino e ao culto da magreza, como se o corpo da mulher sempre viesse objetificado. Nessa passagem, fica nítido como os meios de comunicação como o televisivo servem para alicerçar padrões patriarcais.

Nessa perspectiva, bell hooks (2019) e Teresa de Lauretis (1994) entendem que o corpo feminino é um corpo-objeto, objetificação que o destitui de seu real valor social, condicionando-o e submetendo-o a um mercado de manequins vivos e à valoração estética masculina. O culto à perfeição e à magreza feminina nos meios televisivos, bem como de outras mídias, está indissociavelmente vinculado à sociedade de consumo de viés capitalista. Dessa forma, como teoriza Gilles Lipovetsky em dois de seus textos mais contundentes: *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas* (2009) e *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo* (2007), o corpo-objeto feminino vende produtos, ou auxilia a vendê-los,

porque cria no imaginário dos potenciais consumidores a ilusão de pertencimento a estratos sociais economicamente superiores, ou a determinados grupos que gozam de *status* social almejados.

A personagem Toña París é parte desse mecanismo de ilusão de pertencimento, que faz com que muitas mulheres queiram ser — ou aparentar ser — como ela, aquiescendo de forma irrefletida com a exploração de corpos e mentes pelo sistema capitalista vigente. Contudo, a busca de pertencimento, ainda que ilusória, não se dá de maneira impune, já que as pessoas sofrem, como a personagem Toña París, em razão da crueldade a que são expostas pela indústria cinematográfica (WOLF, 2019). Nessa perspectiva, “[...] a mídia, a publicidade, a indústria (cosmetológica, da moda, do fitness [...]) tornaram o corpo um artefato do mercado econômico/social/cultural” (ANDRADE, 2003, p. 121).

Mas o romance também aborda personagens não tão bem-sucedidas na vida, por assim dizer. É o caso de Cherrie, a mulher que tem como ocupação o fabrico de bonecas, atividade socialmente tida por desimportante em razão do baixo nível de conhecimento necessário à sua prática, e por refletir o desprezo das classes letradas pelas atividades manuais. Cherrie atribui a si mesma, à sua pouca escolaridade, a razão de ter sido abandonada pelo esposo, “un hombre importante en el gobierno regional” (SERRANO, 2006, p. 245).

O abandono sofrido por Cherrie expressa parte do poder político androcêntrico a que faz menção Millett (1970). A personagem Cherrie absorve a lógica machista e, quase que inconscientemente, perdoa seu ex-companheiro por deixá-la, já que ela, segundo ele, não estava à sua altura. Aqui, soma-se à desigualdade de gênero a desigualdade social e de oportunidades, fazendo com que Cherrie seja trocada, como se objeto fosse, assim que não atende mais as expectativas (SERRANO, 2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade patriarcal, Serrano (2006) nos apresenta um romance ficcional altamente feminista, tratando de questões femininas caras à contemporaneidade. Suas personagens femininas são mulheres que não se calam diante de uma sociedade estruturalmente comandada por homens. Hoje, com o feminismo em voga, muito se tem discutido sobre as transformações sociais a respeito da representatividade feminina. Pode-se notar no romance esse desejo de pertencimento encontrado nas personagens, mulheres tidas como “supermulheres”, nomenclatura utilizada por uma figura masculina dentro da obra. Mesmo diante das suas conquistas emancipatórias, as personagens são apresentadas como mulheres que carregam os estigmas femininos e a necessidade de se unirem para enfrentar as adversidades impostas em seu cotidiano.

A situação de subordinação vivida pelas mulheres latino-americanas é, ainda, de resistência ao modelo androcêntrico, patriarcal e machista que vigorou (e ainda vigora) em nossa sociedade. Tais sistemas são responsáveis por opressões e desigualdades entre homens e mulheres, sendo também representados nas artes, sobretudo na literatura, através de obras tipicamente escritas por homens e que descreviam as mulheres e as relações de gênero a partir de um ponto de vista masculino.

Fica possível perceber como os homens são influenciados pelo modelo patriarcal e criam conceitos diante da representatividade feminina. Quando se deparam com mulheres diferentes do perfil esperado, sua masculinidade fica abalada; dentro do romance, por exemplo, fica nítido que as mulheres não querem ser consideradas como a “outra”, sentem a necessidade de serem parceiras em um

relacionamento em que tudo acaba sendo dividido, implementando a igualdade entre gêneros.

Contudo, apesar dos avanços das correntes feministas e das batalhas e direitos alcançados pelo gênero feminino, a luta não teve fim e é diária. Os estigmas e preconceitos em relação à mulher estão enraizados de tal modo em nossas sociedades que os naturalizamos e nem percebemos. Na literatura, nas artes, na política, na educação, na vida, a mulher ainda se encontra amarrada aos padrões e estereótipos que reprimem seu corpo, suas ações e sua existência. A literatura, nesse sentido, funciona como a válvula de escape para a conscientização sobre a condição da mulher na sociedade, enquanto também traz a esperança da tão sonhada igualdade e liberdade do corpo e da alma feminina.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. *Feminismo: o ponto de vista marxista*. São Paulo: Nobel, 1986.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino — algumas representações no Brasil do século XX. In *Movimento*, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003.

BALLESTEROS ROSAS, Luisa. *La femme écrivain dans la société latino-américaine*. Préface de Jean-Paul Duviols. Paris, Éditions L'harmattan, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BRIZOTTO, B. & BERTUSSI, L. T. (2013). *Literatura e gênero em dez mulheres de Marcela Serrano*. Disponível em Revista eletrônica, [HTTPS://REVISTASELETRONICAS](https://revistaseletronicas.com). Acesso em: 13 fev. 2021.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova York: Routledge, 1990. Disponível em: http://lauragonzalez.com/TC/BUTLER_gender_trouble.pdf. Acesso em: 21 nov. 2020.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7ª ed. São Paulo: Nacional, 1985.

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria (orgs.). *O feminismo no*

brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA / Núcleo de estudos interdisciplinares sobre a mulher, 2008.

COSSI, Rafael Kalaf. Lacan e o feminismo francês: a história de uma (não) relação. In *Psicol. USP*, São Paulo, v. 31, e180043, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642020000100215 Acesso em: 13 fev. 2021.

COUTINHO, Sabine Mantuan dos Santos. *"A Dona de Tudo" — O que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações*. 2008. 415 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória/ES, 2008.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

FELSKI, Rita. *Literature after feminism*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

GILBERT Sandra M.; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth century literary imagination*. New Haven and London: Yale University Press 1979. Disponível em: <https://archive.org/details/TheMadwomanInTheAttic> . Acesso em: 2 fev. 2021.

GÓMEZ DE AVELLANEDA, Gertrudis. Sab: por la señorita Gertrudis Gómez de Avellaneda. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: Alicante, 2000. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcbg2m1>. Acesso em: 06 out. 2020.

HÉRITIER Françoise, MONGIN Olivier, PADIS Marc-Olivier, PIZOIRD Alexandra et THÉRY Irène. *Privilège de la féminité et domination masculine: Entretien avec Françoise Héritier*, in *Esprit* (1940-), 273 (3/4), 2001, p. 77-95.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 6ª ed., 2019.

KRAMER, Heinrich et al. *O Martelo das Feiticeiras*. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020

LERNER, Gerda. *La creación del patriarcado*. Espanha: NOVAGRÀFIK, 1986. Disponível em: https://www.antimilitaristas.org/IMG/pdf/la_creacion_del_patriarcado_-_gerda_lerner-2.pdf Acesso em: 12 fev. 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império Efêmero: a moda e seu destino na sociedade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, Tradução maria Lucia machado.

_____. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MILLETT, Kate. *Sexual politics*. New York: Ballantine books, 1970. Disponível em: <https://www.brown.edu/research/pembroke-center/sites/brown.edu/research.pembroke-center/files/uploads/Millett-Theory%20of%20Sexual%20Politics.pdf> Acesso em: 2 maio. 2021.

MITCHELL, Juliet. *Psychoanalysis and feminism: Freud, Reich, Laing, and women*. New York: Pantheon Books, 1974.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc.*, v. 18, n. 1. Porto Alegre. jan/abr. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 12 fev. 2021.

ODMARK, John. *An Understandin of Jane Austen´s Novels*. Worcester: Billing and Son Ltd., 1983.

OLIVEIRA, Felipe Monteiro de.; NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida. Contos de Alice Munro sob a lente da ginocrítica. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 42-52, jul./dez. 2020.

OLIVEIRA, A. B. de. Gênero e etnicidade no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2018

SAFFIOTI, Heleieth. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. *Série Estudos/Ciências Sociais/FLASCO-Brasil*. 2009. Disponível em: http://flasco.redelivre.org.br/files/2015/03/Heleieth_Saffioti.pdf Acesso em: 22 nov. 2020.

SANTOS, Kleber Martins dos. SANTOS, Sílvia Aparecida Fortunato. Grandes mulheres da literatura: A evolução da personalidade feminina em diferentes passagens literárias. In *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 04, Ed. 07, v. 07, p. 05-20. Julho de 2019.

SARMENTO, Rayza. Sobre Marcela Serrano, o albergue e as mulheres na literatura latino-americana. *Blogueiras Femininas*, 05/11/2012 [Categorias Cultura e Mídia]. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2012/11/05/sobre-marcela-serrano-o-albergue-e-as-mulheres-na-literatura-latino-americana/> Acesso em: 20 abr. 2021.

SCOTT, Joan Wallach. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99 1995.

SERRANO, Marcela. *O Albergue das Mulheres Tristes*. Trad. Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SHOWALTER, Elaine. *A Literature of their Own: British Women Novelists from Brönte to Lessing*. London: Princeton University Press, 1982.

_____. A crítica feminista no território selvagem. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, 1994. p. 23-56.

SILVA, Jacicarla Souza da. Panorama da Crítica Feminista: Tendência e Perspectivas. In *Patrimônio e Memória*, Cascavel, v. 4, n. 1, p. 84-103, 2008. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/100/488>. Acesso em: 25 jul. 2020.

STRATHERN, Marilyn. *The gender of the gift*. California: Berkeley University of California Press, 1988.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Souza, Glauco Matoso. 1ª ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: EdUEM, 2009, p. 217-242.

Recebido em: 02/08/2021

Aceito em: 06/09/2021